O silêncio consolador no luto: os "Jós" de ontem e de hoje![1]

Pe. Jaldemir Vitório SJ[2]

Resumo: A pandemia do novo Coronavírus tem deixado um rastro de sofrimento, dor e morte. A tarefa de consolar torna-se um imperativo em favor de quem se vê mergulhado numa dolorosa experiência de perda, tanto de entes queridos, quanto de amigos. A leitura do livro de Jó e a experiência de um recente fato da vida servirão de referência para se pensar o silêncio como pedagogia de consolação, quando as palavras são inúteis para explicar o inexplicável.

Palavras-chave: Morte. Luto. Consolação. Jó. Silêncio.

Abstract: The New Pandemic Coronavirus has left a trail of suffering, pain and death. The task of comforting becomes an imperative in favor of those who find themselves immersed in a painful experience of losing their beloveds as well as their friends and relatives. A reading from the book of Job and the actual experience of life will be a helping reference for reflecting "the silence" as a pedagogy of consolation when the words become futile to explain the inexplicable.

Keywords: Death. Grieve. Consolation. Job. Silence.

Começo com um texto de Rubem Alves, tirado de um pequeno artigo, com o título *A morte e o silêncio* (2008):

> A morte faz calar as palavras. São inúteis. Servem para nada. Somente os tolos tentam consolar. Eles não sabem que as palavras de consolo, brotadas das mais puras intenções, são ofensas à dor da pessoa golpeada pela morte. Porque elas, as palavras de consolo, são ditas no pressuposto de que elas têm poder para diminuir o vazio que a morte deixou. Como se a pessoa que a morte levou não fosse tão importante assim e algumas palavras pudessem diminuir a dor que sua morte deixou.

Todo ser humano pode fazer a experiência do luto pela morte de parentes e amigos queridos, seja após um longo período de doença, quando a morte significa o fim de anos de sofrimento, seja de improviso quando "a morte não avisa que vai chegar". O tema aqui tratado

1 Texto da fala do autor no "Ciclo de palestras A dor, a morte e o luto no contexto da pandemia. Uma iluminação a partir da fé cristã", realizada no dia 26/10/2020, organizado pela FAJE em parceria com as redes Servir e Diaconia, da Província dos Jesuítas do Brasil, que teve como título "O silêncio consolador no lut: os "Jós" de ontem e de hoje ", disponível: https://www.youtube.com/watch?v=bNBFDWmeY4Q

2 Jesuíta, exegeta, professor de Sagradas Escrituras na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

tem como foco o luto que acontece em contexto de tragédias ou de perda súbita de uma pessoa amada, cuja vida foi ceifada pela crueldade humana, pela injustiça, pela violência, mas, também, quando a morte se deveu a outras causas, nos acidentes ou fatalidades. Os suicídios, também, incluem-se no âmbito da realidade que servirá de pano de fundo de nossa reflexão. Da mesma forma, a morte de jovens, de pessoas que são arrimo de família, de pais e mães que deixam filhos pequenos dependentes do afeto e do cuidado deles. Em outras palavras, ao longo de nossa fala, teremos no horizonte as experiências de morte que chocam e deixam perplexas e desorientadas as pessoas que devem lidar com elas e com seus desdobramentos. Mortes que clamam por consolação!

A pandemia obriga-nos a recolocar o tema do luto, quando a cada dia a mídia divulga os números alarmantes de vítimas do novo Coronavírus, que não faz distinção entre ricos e pobres, países desenvolvidos e subdesenvolvidos, jovens e idosos, embora, os portadores de comorbidades e os idosos se encontrem em situação de maior fragilidade ao serem contaminados. Às vezes, tem-se a impressão de que a pandemia já foi "assimilada" e as pessoas se acostumaram com ela, a ponto de não mais se preocuparem com os protocolos sanitários, tampouco, com o aumento do número de óbitos. Entretanto, não podemos nos tornar insensíveis à dor de quem perde um ente querido, a quem não pode velar, nem providenciar um sepultamento digno, com a presença de familiares e amigos e o consolo da religião, pois os funerais são feitos às pressas, com rígidos controles, de modo a se evitar a transmissão da Covid-19.

Trata-se aqui de pensar o "silêncio" como pedagogia de consolação, num contexto em que se avoluma a tentação de multiplicar palavras, para explicar o inexplicável e dar razão ao que desponta como insensato. Tomaremos um fato bíblico e outro tirado da realidade atual. Nosso personagem bíblico de referência será o conhecido Jó e seus três amigos, vindos de longe para consolá-lo. Como fato da realidade, evocarei um brevíssimo diálogo que tive com um senhor, após uma missa dominical, na paróquia em que atuo, em Ribeirão das Neves, município da Região Metropolitana de Belo Horizonte, logo após o fatídico 25 de março de 2019, quando aconteceu a imensurável tragédia na Mina Córrego do Feijão, da companhia Vale, em Brumadinho-MG, ceifando a vida de 270 pessoas. De repente, vi-me confrontado com a pergunta: "Padre, perdi um primo na tragédia de Brumadinho. Minha família está desesperada. Estou indo para lá. O que devo dizer para eles?" Convido cada um e cada uma de vocês que leem esse texto a pensarem que resposta teriam dado. Na reflexão que aqui proponho, em última análise, explicitarei os fundamentos do que disse àquele irmão angustiado, em não mais de dois minutos, por estar rodeado de gente, despedindo a comunidade no final da celebração, e a pessoa já estar de partida para Brumadinho, de modo a impossibilitar um diálogo mais longo. Infelizmente, não tive mais a chance de encontrá-lo. Talvez muitos e muitas de vocês já foram confrontados com questões desse gênero!

Comecemos com Jó. Vamos nos deter apenas nos capítulos 1 e 2 do livro bíblico, sem adentrar os demais 40 capítulos, o que nos levaria demasiado longe. Para início de conversa, devemos ter bem claro ser Jó o personagem principal de um drama, uma novela, e não o

autor do livro. Histórias semelhantes à de Jó encontram-se em literaturas muito anteriores à história da Bíblia, tanto no Egito quanto na Mesopotâmia. O autor do texto bíblico, partindo de uma tradição já existente, produz uma catequese para seus contemporâneos, a fim de ajudá-los a enfrentar os desafios da fé num contexto muito particular. Aliás, são infinitas as histórias de Jó contadas e recontadas ao longo da história de sofrimento dos seres humanos de todos os tempos e lugares.

O autor da obra narra a história de Jó para ajudar seus leitores e ouvintes a compreenderem a terrível experiência que estavam vivendo. O pano de fundo histórico levanta sérias questões que carecem de resposta e o teólogo oferece não tanto uma resposta cabal, antes uma pedagogia, um método, para se obter alguma luz e assim não se deixar atropelar pela realidade.

Vejamos, brevemente, as circunstâncias de onde surgiram as questões dramáticas enfrentadas no livro de Jó. Estamos no começo do século VI a.C., quando aconteceu a dupla deportação para a Babilônia da liderança de Jerusalém, o rei e sua corte, os sacerdotes, os sábios e os profetas áulicos, os militares, os proprietários de terra, os artesãos, tendo ficado para trás apenas os pobres e os agricultores, sem condições de fazer uma revolta contra o império babilônico. Trata-se da experiência do exílio! Por ocasião da segunda deportação, em 587 a.C., o Templo de Jerusalém foi destruído e a Cidade Santa, arrasada. Sobraram apenas ruínas.

Na cosmovisão da época, a guerra entre dois exércitos, em última análise, correspondia à guerra entre os respectivos deuses tutelares. O deus do exército vencedor era considerado mais forte que o deus do exército vencido. Neste caso, o deus Marduk dos babilônios mostrou-se mais forte que YHWH (lê-se: *Adonai*), deus de Israel.

Aqui está a origem da crise fundamental. Em Israel, sempre se dizia que "YHWH é o Deus dos deuses, o Senhor dos senhores"; "nosso Deus é maior que os deuses todos". Contavam-se os grandes feitos divinos, em favor do povo, desde a libertação da escravidão no Egito. Falava-se de Israel como povo de YHWH, que o considerava "meu povo", a quem protegeu na longa caminhada pelo deserto e deu uma Lei por intermédio de Moisés, no monte Sinai. Cantavam-se as grandezas de YHWH que deu em herança a seu povo "uma terra boa e espaçosa, terra onde correm leite e mel". Um Deus "cuja misericórdia é eterna!"

O exílio jogou todas essas certezas por terra. Muitos começaram a pensar que YHHW, o Deus de Israel, não era nada daquilo que falavam dele, por não ter sido capaz de se mostrar superior ao deus dos babilônios e tomar, mais uma vez, a defesa de seu povo. Falando numa linguagem crua, podemos dizer que os israelitas se viram, como que, confrontados com a morte de seu Deus. Sim, era como se YHWH tivesse morrido, e tendo sido enganados e perdido tempo colocando a esperança e a confiança num Deus incapaz de livrá-los das forças inimigas.

Chamo a atenção para o seguinte: em minha fala, farei um pequeno recorte da história da fé de Israel. Vou me deter num pedacinho de uma história muito mais vasta do que será

apresentado aqui. Limitar-me-ei à experiência inicial do exílio, quando, para os israelitas fiéis, parecia ter o mundo vindo a baixo.

Voltemos a Jó, personagem não israelita, da terra de Hus, local sem identificação precisa. Com isso, seu drama se torna o de qualquer ser humano, em qualquer lugar, e não apenas o do povo da Bíblia.

O narrador afirma que Jó "era o homem mais rico de todos os homens do Oriente" (Jó 1,3). Trata-se de uma constatação teológica e não apenas socioeconômica. A riqueza era entendida como fruto das bênçãos de Deus para as pessoas fiéis. Ser "o homem mais rico de todos os homens" significava tratar-se "[d]o ser humano mais fiel a Deus de todos os seres humanos". Sendo fiel a Deus mais que os outros, era natural que também fosse o mais rico de todos. É a teologia da retribuição que, hoje, reaparece com o nome de teologia da prosperidade. A fidelidade a Deus gera riqueza! E, com ela, uma grande prole e vida longa para o fiel.

O personagem Satan, palavra que significa inimigo, adversário, entra na história e levanta uma suspeita a respeito da fidelidade e da riqueza de Jó. Seu ponto de vista era o seguinte: Jó é fiel a Deus, porque Deus recompensa-o. Logo, uma fé interesseira! Satan diz a YHWH: "Estende tua mão e toca nos seus bens: eu te garanto que te lançará maldições em rosto" (Jó 1,11). Deus, então, permite que Satan submeta Jó à prova e o reduza à mais total pobreza. Jó perde os filhos, os empregados, os animais, tendo caído sobre eles uma série de desgraças fulminantes, sem lhes dar chance de escapar (Jo 1,13-19). Mesmo assim, Jó insiste na fidelidade a Deus, ao declarar: "Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá. YHWH me deu, YHWH o tirou, bendito seja o nome de YHWH". O narrador constata: "Apesar de tudo isso, Jó não cometeu pecado, nem protestou contra Deus" (Jó 1,20-22). Satan foi vencido nessa primeira rodada. A fé de Jó não era interesseira!

Satan, com a permissão de YHWH, submete Jó a uma segunda série de provações, tocando-lhe agora na carne. Ele desafia Deus a colocar à prova a fidelidade de Jó, sempre suspeitando que fosse interesseira. Para ele, Jó era fiel a Deus por ser agraciado com riqueza. Então, diz a YHWH: "Estende a mão sobre ele, fere-o na carne e nos ossos; eu te garanto que te lançará maldições em rosto" (Jó 2,5). Satan recebe a permissão de transformar Jó em um chagado. Entretanto, Jó permanece firme, apesar da insistência de sua mulher que lhe sugeria amaldiçoar Deus e morrer (Jó 2,9). Sua resposta foi: "Se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males" (Jó 2,10a). O narrador constata: "Apesar de tudo isso, Jó não cometeu pecado com seus lábios" (Jó 2,10b). Em outras palavras, permaneceu firme em sua fé, apesar de não entender porque lhe estava acontecendo tudo aquilo. No entanto, recusava-se a se rebelar contra Deus!

A crise de Jó consistiu em ter passado da mais alta riqueza à mais total pobreza, ao perder todos os bens e todos os filhos, mas também a saúde, pois estava ferido "com chagas malignas desde a planta dos pés até o cume da cabeça" (Jó 2,7b). O outrora bendito encontra-se agora com todas as marcas da maldição divina, embora não tendo cometido qualquer falta contra Deus. Antes perseverou na fidelidade, mesmo sem entender o que se passava com ele.

Os leitores e as leitoras dessa novela dramática sabem que tudo aquilo aconteceu com a permissão de Deus que, contrariando as suspeitas de Satan, acreditava que a religião de Jó não se baseava na retribuição, por ser absolutamente gratuita e transparente. No entanto, o personagem Jó desconhecia a razão de tudo aquilo. Recusando-se a litigar com Deus, viu-se mergulhado numa densa escuridão. O que antes lhe parecia firme – sua imagem de Deus – agora estava despedaçada!

Chegamos, ao ponto da história que nos interessa. Vamos nos deter em Jó 2,11-13, sabendo que a história prossegue em mais quarenta capítulos. O texto diz assim:

> Três amigos de Jó – Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat – ao inteirar-se da desgraça que havia sofrido, partiram de sua terra e reuniram-se para ir compartilhar sua dor e consolá-lo. Quando ergueram os olhos, a certa distância, não o reconheceram mais. Levantando a voz, romperam em prantos; rasgaram seus mantos e, a seguir, espalharam pó sobre a cabeça. Sentaram-se no chão ao lado dele, sete dias e sete noites, sem dizer-lhe uma palavra, vendo como era atroz seu sofrimento.

Leremos o texto, pedacinho por pedacinho, em nove tópicos, para daí tirar luzes para nosso tema. Convido cada um e cada uma de vocês a responderem, na medida em que eu for apresentando, a seguinte pergunta: em que consiste "o silêncio consolador no luto"?

1. "Três", na simbologia numérica da Bíblia, refere-se ao ser humano. O evangelista Mateus usa-o largamente com essa conotação. O drama de Jó, por conseguinte, toca de cheio sua humanidade e deverá ser tratado com humanidade pelos três amigos. Corresponde ao drama de qualquer pessoa que vê desabar seus valores mais caros, no caso de Jó, sua relação de total submissão e confiança em Deus, por cujo querer balizava toda sua vida. A religião do homem mais fiel e temente a Deus reduz-se a frangalhos. No entanto, ele se recusava a colocar Deus sob suspeita, tomando-o na conta de injusto. Preferia sofrer calado, sem se deixar levar pelas insistências da esposa, que lhe sugeria romper pura e simplesmente com o Deus de sua fé, dar-lhe as costas, e morrer.

2. Os que vêm são "amigos". Nos momentos de luto, alguém pode estar rodeado de muitas pessoas. Entretanto, importam-lhe apenas os amigos e as amigas, com quem se sente ligado por vínculos profundos, com quem cultiva relações **cor**-diais (vindas do coração) e não superficiais. Em contexto de luto, pode haver presenças indesejadas (os falsos amigos e amigas), presenças para cumprir uma formalidade (vizinhos, colegas de trabalho e profissão, companheiros de esporte, conhecidos...), presenças de curiosos (os que ouviram falar da tragédia e morbidamente vêm "espiar" quem morreu, gente da mídia), presenças insensíveis que não caem na conta do sofrimento de quem vive o luto e a dor profunda (pessoas que fazem galhofa e contam piadas, sem qualquer cerimônia). Em cidades do interior, existem frequentadores de velórios interessados no lanche oferecido aos presentes. Um amigo ou uma amiga de verdade não se encaixa em nenhuma dessas categorias. Vale mais do que mil presenças.

Quiçá bastaria ter consigo um único amigo ou amiga, ou pouquíssimas presenças queridas, para quem está abalado sentir-se consolado e aliviado.

3. O texto bíblico nomeia os amigos de Jó: Elifaz, Baldad, Sofar. Anônimos podem não ser presenças consoladoras! Em contexto de luto, condolências e palavras cerimoniosas de sentimentos oferecidas por estranhos ou desconhecidos são praticamente dispensáveis. Apenas números! Seu olhar não transmite afetos profundos de solidariedade. Com os amigos e as amigas, pelo contrário, acontece uma comunhão de corações e de afinidade. Quando chega um grande amigo ou uma grande amiga, de longa data, chega alguém com quem se pode condividir a dor angustiante. Presença que se transforma em verdadeiro bálsamo! O abraço do amigo ou da amiga, em contexto de luto, tem efeito tremendamente consolador.

4. Façamos um intervalo para verificar em que condições anônimos e desconhecidos podem ser presenças consoladoras, como aconteceu com Jesus e os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35). Uma pessoa carente de consolação pode se deparar com um desconhecido, num contexto inesperado. A presença fortuita será consoladora na medida em que o carente de consolação detectar algo de especial nas palavras do estranho, deixar-se afetar por elas e, de alguma maneira, se sentir amado e acolhido. Essa foi a experiência dos discípulos de Emaús que, de caminhantes "com o rosto sombrio", sentiram o coração arder quando O desconhecido lhes falava pelo caminho e lhes dava chaves para compreender o sentido da morte do Mestre crucificado.

5. Os três amigos de Jó juntam-se, vindos de muito longe, cada qual de sua cidade: Temã, Suás e Naamat. Esse detalhe narrativo tem um significado: os amigos verdadeiros não colocam obstáculos para se encontrarem e, juntos, consolarem um outro amigo. Estar juntos do amigo na dor e no sofrimento – compadecer-se – torna-se, então, um imperativo irrecusável. Não pode haver justificativas para não estar com ele! Foi o caso de Jesus indo consolar as amigas Maria e Marta, cujo irmão Lázaro havia morrido (Jo 11,1-44). Quando a presença física não é possível, pela distância e outros empecilhos, os amigos que estão longe sentem como se estivessem ao lado do amigo sofredor. Hoje, a tecnologia e as redes sociais possibilitam um tipo de presença, não física, mas extremamente efetiva e afetiva. Encurtam-se as distâncias! São muitas as maneiras de se fazer presente com som e imagem com pessoas em qualquer parte do globo terrestre. Assim, a experiência de consolação concretiza-se por caminhos inimagináveis até pouco tempo atrás.

6. Os três amigos partiram com um objetivo preciso: compartilhar a dor de Jó e consolá-lo. A consolação acontece como com-paixão, sim-patia, comunhão, por se tratar de compadecer-se de alguém, sofrer com ele, estar profundamente unido com ele. A comunhão no luto começa muito antes do encontro pessoal, ao se tomar conhecimento dos fatos e tomar a decisão de partir com um claro propósito: compartilhar a dor e consolar o amigo que sofre. O caminho em direção ao sofredor faz-se como *peregrinação consoladora*, com espírito de solidariedade e o coração posto no outro. Só os amigos autênticos fazem a experiência de ser *peregrinos compassivos da consolação*. Numa sociedade em que as pessoas correm de um

lado para outro, com mil compromissos na agenda, isso se torna quase inviável. Seria o caso de alguém que dá uma "passadinha rápida" num velório, para marcar presença e não parecer insensível, e sai rápido para resolver outras coisas mais importantes, como seria o caso de ir ao salão de beleza.

7. O texto diz que "quando levantaram os olhos, a certa distância, não o reconheceram mais". Trata-se de uma forma de sublinhar a não banalização do sofrimento do amigo, como se o acontecido fosse algo trivial. Reconhecer o amigo desfigurado significa deparar-se com as dimensões de sua dor, o quanto foi golpeado, a profundidade da sua tribulação. Só quem intui as dimensões do tormento alheio assume a tarefa de consolador. Quiçá esteja aqui o ponto de partida da autêntica consolação. Quem olha para quem sofre o golpe de uma tragédia e diz: "isso acontece com todo mundo!"; "você não é o primeiro!"; "tem gente que já passou por coisas piores!", despreza a dor alheia. Embora infortúnios semelhantes tenham acontecido mil outras vezes, a experiência de cada pessoa tem um quê de única e deve ser considerada assim. Longe de ser uma entre tantas, constitui-se numa experiência pessoal e irrepetível.

8. Quando se depararam com Jó, os amigos "levantaram a voz, romperam em prantos; rasgaram seus mantos e espalharam pó sobre a cabeça". De certo modo, cumpriram o ritual para mortos, como se considerassem Jó um caso perdido. Chegou ao fundo do poço! Que palavra dirigir a uma pessoa reduzida a essa situação? Como explicar que o mais fiel a Deus entre todos os homens esteja reduzido à mais absoluta pobreza e tomado por chagas da cabeça aos pés? Estaria padecendo nas mãos de um Deus injusto? Ou, ao revés, estaria purgando faltas cometidas, apesar de sua fidelidade escrupulosa ao Deus de sua fé (Jó 1,5)? Questões difíceis de ser respondidas. A agonia de Jó causa perplexidade e deixa transtornados seus amigos. Só lhes resta chorar!

9. Chegamos ao versículo visado por nossa fala: os três amigos "sentaram-se no chão ao lado dele, sete dias e sete noites, sem falar-lhe uma palavra, vendo como era atroz seu sofrimento" (Jó 2,13). Os que vieram para consolar veem-se desprovidos de palavras de consolo. O sofrimento do amigo emudece-os! Dois elementos da narração destacam-se:

(a) os três amigos sentaram-no no chão ao lado de Jó. A consolação acontece com a presença e a proximidade, cheias de humanidade e afeto, dispensando-se as palavras, com consoladores e sofredor colocados no mesmo plano. Os amigos consoladores descem ao nível de Jó, carente de consolação, para estarem em pé de igualdade com ele. Trata-se de uma presença de qualidade, de amigos queridos, vindos de longe, que haviam "rompido em prantos", partilhando as lágrimas do amigo sofredor. Uma presença consistentemente amiga fala por si, de modo a tornar dispensáveis as palavras. O silêncio faz-se fecundo e tocante. Basta ao sofredor a proximidade física dos amigos do peito, colocados ao nível de seu sofrimento, sentados no chão ao seu lado. Em nossa cultura, dizemos bastar ter um ombro amigo para nos consolar, tornando-se supérfluas as palavras.

(b) Eles permanecem "sete dias e sete noites" ao lado do amigo Jó, com seu sofrimento atroz. Não temos aqui uma informação de caráter cronológico e sim existencial. Sete, na

numerologia bíblica, corresponde ao número da plenitude, da totalidade. Ficar sete dias e sete noites ao lado do Jó sofredor quer dizer permanecer solidário com ele, enquanto perduraram seu sofrimento e sua dor. Os amigos não o abandonaram até que o duro sofrimento se tornasse suportável e fosse capaz de se levantar e tocar a vida para frente. Como diz a sabedoria popular: "Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe". A história de Jó seguirá adiante, como se narra nos capítulos seguintes. Porém, nesse ponto preciso, o narrador nos informa que os três amigos só dão por encerrada a tarefa de consolá-lo, quando percebem ter recuperado o sentido da vida. Enquanto perdurou seu sofrimento, estiveram ali silenciosos, porém, compassivos e solidários. As palavras tornavam-se dispensáveis, talvez, por não haver palavras suficientes para iluminar aquela situação dramática. Como diz Rubem Alves: "*A morte faz calar as palavras. São inúteis. Servem para nada. Somente os tolos tentam consolar*".

Voltemos ao contexto do livro de Jó, cujos destinatários viam-se às voltas com a imensa dor causada pelo exílio na Babilônia, quando os israelitas fiéis à sua fé, de certo modo, foram confrontados com a morte de Deus. Melhor dizendo: com a morte de uma imagem de deus, o deus da retribuição. Isso os deixou sem chão, como se o mundo tivesse vindo a baixo. O autor da catequese bíblica quis ensinar a seus leitores e leitoras e a seus ouvintes o silêncio como pedagogia de consolação. No auge da tragédia, de nada adiantaria um turbilhão de palavras para defender Deus, para explicar fatos inexplicáveis, para entrar em conflito com a realidade. Os primeiros tempos do exílio exigiam silêncio, solidariedade, compartilha da dor, reflexão, porém, sem dizer uma só palavra. Bastaria o silêncio vivido com interioridade, à espera do amanhecer, quando a luz voltaria a brilhar. Não existe noite sem aurora!

Passemos agora ao fato da vida, referido na fala daquela pessoa que me interpelou após a missa, no início de abril do ano passado: "Padre, perdi um primo na tragédia de Brumadinho. Minha família está desesperada. Estou indo para lá. O que devo dizer para eles?" Quando ouvi a pergunta, me veio logo à mente o texto bíblico de Jó, que acabei de comentar e tantas vezes li e expliquei em minhas aulas sobre a literatura sapiencial bíblica. Então lhe sugeri o silêncio como pedagogia de consolação para sua família traumatizada com a morte do primo.

a. Num primeiro contato, não deveria dizer nada. Bastaria sua presença fraterna e solidária. Presença qualitativamente consistente, não apenas uma presença a mais. Nenhuma palavra se mostraria conveniente naquele momento. Seria inútil culpabilizar a empresa Vale, o capitalismo selvagem, os políticos corruptos que são comprados pelos grandes empresários para aprovar leis que os beneficiem e façam seus lucros crescerem, mesmo em detrimento dos trabalhadores e do meio ambiente. Discursos piedosos, também, pouco ajudariam. Que adiantaria dizer: "meu primo está junto de Deus"; "Deus quer os bons junto de si!" e palavreados semelhantes. Que deus seria esse que chama para junto de si "uma pessoa boa", na flor da idade, cheia de projetos e, num piscar de olhos, está soterrada por um mar de lama? E mais, seu corpo será encontrado aos pedaços, em decomposição, muito tempo depois, de modo a prolongar o sofrimento da família, não permitindo-a velá-lo e sepultá-lo dignamente? Outro discurso religioso terrível e irresponsável seria dizer que Deus permite catástrofes como essas como castigo para a humanidade pecadora, a fim de chamá-la à conversão. Tenho dúvidas se,

num primeiro momento, teria sentido falar das virtudes do primo cujo corpo estava ainda soterrado, recordar experiências e fatos que o engrandeceriam. Qualquer fala nesse momento poderia se mostrar inconveniente ou inútil. Seria suficiente a presença fraterna e solidária, parca em palavras, em face dos gritos de desespero dos parentes. Não tem como explicar o inexplicável! *Somente os tolos tentam consolar*!

b. Façamos um rápido intervalo para voltar aos amigos de Jó. A partir do capítulo quarto, passam do silêncio à multiplicação de discursos longos e enfadonhos, com o intuito de forçá-lo a reconhecer os sofrimentos como punição divina por erros do passado, cujo preço impiedosamente estava pagando. Jó, então, perde a paciência e os denuncia: "já ouvi mil discursos semelhantes, sois todos consoladores importunos" (Jó 16,2). O carente de consolação mostra-se enojado com aquela insistência supérflua. Quem viera para consolá-lo tornou-se presença incômoda e indesejável. Os amigos teriam feito melhor se tivessem permanecido com a boca calada e voltado para suas casas! Mas o projeto do narrador era mais amplo. Por isso, a história só terminará quarenta capítulos depois, no encontro de Jó, face a face, com o seu Deus (Jó 38,1–42,6).

c. Na rápida fala com aquela pessoa após a missa, disse-lhe outra coisa. Afinal, em algum momento, seria preciso quebrar o silêncio com uma palavra. Aqui se esconde um tremendo desafio: encontrar a palavra certa, no momento certo, na entonação certa, na quantidade certa, no lugar certo. Uma palavra de qualidade! Trata-se de um ponto fundamental na arte de consolar. Palavras banais, frases de efeito, citações aleatórias, mesmo da Bíblia, discursos alienados são todos supérfluos. Excesso de mensagens de WhatsApp, também, torna-se inoportuno. Será preciso encontrar uma palavra que toque o coração de quem carece de consolação, sem banalizar sua experiência. Jamais será a palavra de um tolo!

d. Sugeri a quem me questionou sobre a maneira de consolar os parentes pela perda do primo, que prestasse atenção nos mais afetados pelo luto, para os quais, num primeiro momento, nenhuma palavra pareceria sensata. Porém, com o passar do tempo, se abririam para ouvir uma palavrinha de consolo. Com esses deveria focar sempre o futuro. A insistência no passado poderia ter o efeito de continuamente reabrir uma ferida de difícil cicatrização. Que o enlutado insista no passado, persistindo em contar detalhes pungentes da história de quem perdeu a vida ou mesmo da catástrofe, pode ser considerado normal. No entanto, não será conveniente que isso aconteça por parte de quem pretende exercer o papel de consolador. Cabe-lhe ajudar quem carece de consolação a perceber o caminho que lhe cabe trilhar, doravante, não mais contando com uma presença importante, em muitas dimensões, até mesmo, sob o aspecto econômico. Pensemos em quem era arrimo de família! Será preciso considerar o futuro como tempo de retomar a vida, agora, sem a pessoa querida, cuja presença seria preciso redimensionar.

e. A dor da perda e o luto poderão perdurar por um longo período. Por isso, os amigos de Jó permaneceram em silêncio, junto dele, "sete dias e sete noites". Às vezes, tenho a impressão de que as pessoas, atualmente, dão menos espaço para o luto, que parece limitar-se, em

alguns casos, ao tempo exato do velório e do sepultamento. Muitas vezes, nem isso! Pode ser indicativo do quanto as relações entre as pessoas se tornaram superficiais e inconsistentes. Evidentemente, não penso que se deva cultivar o luto e a dor da perda até o fim da vida. Os limites do luto é um caso a se pensar! Porém, na eventualidade de encontrarmos alguém cujo abalo por uma perda humana perdure por um tempo longo, a compaixão exige que estejamos com ela, até a superação do trauma e que seja capaz de seguir adiante, na serenidade e na paz de quem interiorizou a experiência de luto, a ponto de estabelecer com a pessoa amada que partiu um novo tipo de relação, para além da relação físico-presencial.

f. Quem me questionou era uma pessoa de fé. E a presença da fé pode exercer um papel importante na arte de consolar. Como já foi aludido acima, trata-se de evitar as armadilhas dos discursos religiosos alienantes e vazios para tomar a defesa de Deus, para justificar doutrinas questionáveis sobre a vida e a morte, para suspeitar se quem morreu estava ou não preparado para o encontro definitivo com Deus. A fé madura possibilita dizer uma palavra que conforta, reanima, alenta, permitindo a quem necessita ser consolado superar a tristeza, o pessimismo, a convicção de ter chegado o fim e se convencer de que a caminhada continua, como tempo de recomeçar, tempo de esperança.

Não tive a chance de reencontrar a pessoa que me perguntou sobre o que dizer aos familiares que perderam o filho na tragédia de Brumadinho. Entretanto, parece-me ter acertado em orientá-lo a usar a pedagogia do silêncio consolador, seguido de palavras poucas e sábias.

O flagelo da pandemia, declarada em 11 de março deste ano, que ainda estamos vivendo, recoloca o tema da consolação. Sete dias depois, o Papa Francisco nos exortou dizendo: "neste momento, a consolação deve ser o empenho de todos". Passados sete meses, tem-se a impressão de que as imagens dos primeiros momentos foram apagadas de nossas memórias. Hospitais superlotados, corpos acumulados em necrotérios, cemitérios e crematórios, a humanidade em pânico, a mídia bombardeando-nos com informações alarmantes, a contagem macabra do número de mortos, a disseminação de *fake news*. Simultaneamente, explodiam outras crises: econômicas, financeiras, sociais, sem contar as que passam despercebidas no interior das famílias, de grupos marginalizados pela sociedade, das etnias como no caso dos indígenas, e tantas outras.

Vencidos pelo cansaço e pela banalização da pandemia, quiçá já não nos damos conta do número de vítimas que permanece alto. E a consolação já não se faz mais necessária! Que pensar da dor de quem se despede de um ente querido diagnosticado com Covid-19, transpondo a entrada de uma UTI, começo de um calvário não testemunhado pelos familiares, e jamais poder vê-lo, na eventualidade de vir a óbito, devendo sepultá-lo às pressas, sem ter sequer o direito de se despedir como convém ou realizar os ritos da própria religião? Certamente, muitos dos que leem esse texto, se depararam com pessoas carentes de consolação, em contexto de pandemia. Ou vocês mesmos se tornaram carentes de consolação, ao serem vitimados pela Covid-19.

Em face da pandemia, a teóloga Maria Clara Bingemer pergunta-se, no texto intitulado *Silêncio pela dor*:

> Diante de tantos mortos, de tanta tragédia, o que se pode fazer? Quantas vezes não fizemos essa pergunta a nós mesmos, enquanto diante de nossos olhos desfilavam os caixões, os prantos, os gritos de dor, os enterros em vala comum enfileirados às dezenas, às centenas. O que fazer? Como ajudar? Como consolar todos estes e estas que choram os mortos dos quais nem puderam despedir-se, que se foram sem um último carinho, uma última presença, um último adeus?

Voltemos ao Papa Francisco. Todos temos que nos empenhar na tarefa de consolar. Porém, servindo-nos da pedagogia do silêncio consolador, de modo que, como nos recorda Rubem Alves, no final do texto ao qual nos referimos: não perturbemos a dor de quem sofre!